



www.enaphem.com



---

## Algumas Compreensões sobre um Grupo Escolar a partir da narrativa de uma professora

---

Some understandings about a School Group from a teacher's narrative

*Grasielly dos Santos de Souza<sup>1</sup>*

*Mirian Maria Andrade<sup>2</sup>*

### Resumo

Com este trabalho pretendemos apresentar algumas compreensões sobre uma proposta educacional paranaense: um Grupo Escolar Rural, a partir do que aprendemos com uma narrativa produzida, com uma professora desta escola, para uma pesquisa de mestrado. Nossa pesquisa tematiza as cercanias da educação rural paranaense, disparando compreensões de uma escola rural específica, o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, como um território de possibilidades e potencialidades para lançar novos olhares sobre essas propostas educacionais.

**Palavras-chave:** História Oral. Grupo Escolar Rural. Narrativas orais.

### Introdução

Neste texto, nossa intenção é apresentar algumas compreensões sobre uma proposta educacional paranaense, um Grupo Escolar Rural, que nos foi possível analisando uma narrativa oral produzida de acordo com os parâmetros da História Oral, para uma pesquisa de mestrado.

Produzimos narrativas de professoras e alunos que vivenciaram o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, instalado em 1947 e extinto em 1977, num complexo de uma usina de açúcar e álcool e, neste trabalho, em específico, as compreensões apresentadas referem-se à narrativa de uma professora desta escola. A professora atuou nesta escola entre 1958 e 1977, como professora de primeiras letras.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - (UTFPR-LD). Brasil. E-mail: [grasiellysantossouza@yahoo.com.br](mailto:grasiellysantossouza@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação Matemática. Docente do Departamento de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba – (UTFPR-CT). Brasil. E-mail: [andrade.mirian@gmail.com](mailto:andrade.mirian@gmail.com).

## Percursos e História Oral

A História Oral é assumida aqui como metodologia para criação de fontes orais, a partir de situações de entrevistas que geram narrativas que nos possibilitam produzir significados, conforme lançamos um olhar e de acordo com o nosso foco, alçamos outras possibilidades de interpretações, de caminhos a seguir, pois acreditamos que “as narrativas criam realidade enquanto comunicam” (Garnica, 2014, p. 58). Na oralidade não lidamos com um discurso finalizado, mas com um discurso em processo, assim ao contar e rememorar lançamos uma entre as tantas possíveis versões históricas.

Nossos procedimentos para a produção das narrativas orais envolvem tornar claro para os depoentes nosso tema, o interesse de pesquisa e os percursos desde a gravação da entrevista até a divulgação da narrativa. Gravada a entrevista, essa é transcrita, o registro oral é transformado em texto escrito, que ao passar por uma organização, ajustes e edição, para que sua leitura seja mais fluida, resulta uma textualização. Em geral, a textualização é entregue para o depoente, para conferência e adequações, e se este estiver de acordo com o texto procede com a assinatura da carta de cessão de direitos sobre a gravação e a textualização da entrevista. É sobre a narrativa gerada a partir da fonte oral, agora textualizada, que disparamos nossa análise e registramos as nossas interpretações.

Nesse exercício analítico, que aqui apresentaremos, mobilizamos a análise de singularidades, segundo Martins-Salandim (2012). Nossa intenção foi nos atentarmos tanto para o que a narrativa<sup>3</sup> da professora traz sobre os aspectos do Grupo Escolar, quanto para o modo como ela narra suas experiências de atuação na escola aqui tematizada.

## Algumas compreensões sobre o Grupo Escolar

O Grupo da Usina, como chamaremos aqui o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, localizava-se a 3 quilômetros da cidade de Bandeirantes - PR e foi construído em um complexo de uma Usina de Cana de Açúcar e Alcool, em 1947. Aqui nos sobressaem um estranhamento pois tal modalidade escolar até então era, predominantemente, um modelo de escola tipicamente urbano. Segundo, Souza (2019) o sucesso dos Grupos Escolares Urbanos paulistas fez com que sua disseminação acontecesse para outros Estados brasileiros, como Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e tais Estados adotaram, também, o modelo educacional, na esperança de ordenar o ensino primário.

Por volta de 1940-1941 surgiram as construções dos primeiros Grupos Escolares Rurais, essa modalidade de escola foi implantada com o apoio do governo federal para a construção de escolas nas principais zonas colonizadas do Norte do estado do Paraná (Schelbauer, 2014). Diante das iniciativas e intencionalidades que marcaram o movimento de institucionalização e expansão dos Grupos Escolares Rurais, trazidas pela literatura, a construção deste Grupo Escolar em específico, apresenta-se em certo descompasso com as informações

---

<sup>3</sup> A textualização da entrevista com a professora, juntamente à carta de cessão de direitos, encontra-se disponível em Souza (2019). Acesso em: [http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4719/1/LD\\_PPGMAT\\_M\\_Souza%2c\\_Grasielly\\_dos\\_Santos\\_de\\_2019.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4719/1/LD_PPGMAT_M_Souza%2c_Grasielly_dos_Santos_de_2019.pdf).

registradas, a sua implantação se deu em 1947, por meio de iniciativas de um fazendeiro, e localizava-se numa colônia de grande população rural.

Em geral, nos anos de 1940 e 1950, no estado do Paraná, funcionavam predominantemente as modalidades de escolas isoladas ou casas escolares, os prédios muitas vezes eram simplesmente uma adaptação de uma casa disponível na região, cedida pelo proprietário rural, para ser usada como escola. Tais prédios eram de madeira com apenas uma sala de aula, sem as existências (ou com existência precária) de sanitários e cozinha (Souza, 2017). Esse tipo de escola não existiu na fazenda que compõem o complexo da Usina e essa estrutura não foi a estrutura do Grupo da Usina aqui em tela.

A narrativa da professora permite-nos entender a reestruturação no ensino primário. Quando ela trata das condições de trabalho e infraestrutura da escola isolada em relação ao do Grupo Escolar, apresentando as reformulações sofridas ao longo dos anos nas escolas rurais. Na sua narrativa percebemos alguns aspectos que ressaltamos em nossa análise: as diferenças de estruturação de perspectivas na educação rural paranaense, arquitetura do prédio escolar, características da estrutura, a organização da escola, o papel do professor e as condições de trabalho docente. Ela relatou que as mudanças foram positivas, que comparando com a escola isolada o Grupo Escolar apresentava condições melhores para o ensino, uma evolução, no Grupo Escolar havia mais professores, havia uma sala para cada série, o papel do professor era o de lecionar, havia uma organização pedagógica. Salienta, também, que o Grupo Escolar era uma escola moderna, assim como encontramos na literatura que trata sobre a organização dos Grupos Escolares e aborda sua constituição como uma promessa de superação das escolas isoladas.

*O Grupo Escolar era do lado da usina, do ladinho, dava pra ver as fumaças da chaminé saindo, aquele carvão preto que caía, essa era nossa paisagem. O Grupo Escolar era feito de tijolos, tinha um pátio todo calçado, cercado por um muro baixo, e um portão de ferro, tinha um corredor comprido, nesse corredor tinha uma passadeira no chão, para nós pisarmos, eram quatro salas de aulas, ensinávamos de 1ª a 4ª série, as classes eram grandes, espaçosas, tínhamos uma cozinha pequena, havia banheiro. No Grupo tinha água encanada e energia elétrica, era tudo certinho. O Grupo Escolar era uma escola linda! Era assim! Aquela escola foi um exemplo aqui de Bandeirantes, era um modelo! Era assim, um luxo! Linda e maravilhosa! (trecho da narrativa da professora)*

Esse é um trecho da entrevista textualizada da Professora que ingressou nessa escola em 1958 e lá permaneceu lecionando por aproximadamente 20 anos. Na narrativa, o conjunto retratado apresenta-se, recriando, por fim, a própria escola, o sentido de ser professora e todos os valores vinculados ao Grupo Escolar representado: a disciplina, a hierarquia, a padronização e o respeito. E essas vivências escolares nos permitem trazer à cena compreensões sobre este Grupo Escolar.

De tudo o que escutamos, percebemos uma série de liturgias que indicam determinados rituais intrínsecos à escolarização que permeavam o cotidiano do Grupo Escolar, e hoje se manifestam como pregnâncias na memória da professora.

*No Grupo Escolar havia muita regra, tinha regra para tudo e para todos! Era o uniforme das professoras, era regra dos alunos sempre entrar e sair da sala*

*de aula em fila, caminhar somente em cima da passadeira, não podia pisar fora da passadeira porque o chão era um brilho! O Grupo Escolar tinha uma passadeira para nós passar, a diretora era muito enérgica e os alunos não podiam passar fora dessa passadeira, entravam todos com a mãozinha para frente encostada na barriga, se pisassem fora da passadeira levava um “pito”. Na hora da merenda também tudo bem obediente. Os alunos respeitavam, se eles quisessem ir ao banheiro tinham que pedir, para entrar na sala de aula tinham que pedir licença, para apontar o lápis também, eles ficavam sentados, comportados!*

*Tínhamos uma rotina. Antes de entrar em sala nós cantávamos o Hino Nacional, o hino da bandeira, todos os dias cantavam no pátio da escola, os alunos em fila reta, era tudo lindo e maravilhoso! Quando terminávamos de cantar é que íamos para a sala de aula, tudo em fila, um atrás do outro, sem correr ou gritar.*

Sua narrativa é marcada pela ênfase nas demandas e regras. Essas demandas e regras narradas por ela, também constituem o Grupo da Usina, são características de um modo de operar e colocar em ordem. A narrativa constituída a partir da entrevista com essa professora é marcada por sua busca em incorporar atividades diferenciadas que possibilitassem aos alunos um melhor aproveitamento dos conteúdos nela tratados. É com marcante saudosismo que a professora descreve seus passos na carreira docente, trabalhando na Educação Rural e analisa, de maneira positiva, todo seu trabalho. Com riqueza nos detalhes, ela descreveu a estrutura do Grupo Escolar, apesar dos entraves enfrentados pela maioria dos alunos que refletia também no trabalho das professoras, sobretudo a limitação de natureza financeira e ficou claro que uma coisa era certa: todas as crianças gostavam da escola e sacralizavam o ensino e a professora.

Em sua narrativa sobre o cenário da sala de aula na qual trabalhava, ela apresenta traços e reconstrói uma sala de aula como “linda e maravilhosa”. Neste momento é perceptível como à escola é representativa na vida dela. Enfatiza ainda, em vários momentos, que era uma professora alfabetizadora, uma boa alfabetizadora. Aqui nos surgem alguns questionamentos: o que era uma boa alfabetizadora? Desenvolver as práticas de leituras e de escritas? Talvez possamos compreender que ser uma boa alfabetizadora, para ela, se encaixa nas condições que ela mesma aponta: que naquela época se uma pessoa aprendesse a ler, a escrever, a contar e fazer as quatro operações era considerada uma pessoa alfabetizada. Uma boa educadora seria, então, quem ensinava essa lista com segura excelência.

Finalizamos essa breve análise sobre os aspectos do Grupo Escolar, com as palavras desta professora: “A escola está lá ainda, mas para minha tristeza não funciona mais. Agora não tem mais nada, acabou tudo aquela coisa linda e maravilhosa, aquele Grupo acabou!”

Finalmente, além dessas nossas disposições, ressaltamos que transitar pelas memórias da professora nos possibilitou abordar um Grupo Escolar circunscrito de tonalidades, uma descrição de um cárcere cultural que transforma indivíduos e, sobretudo, nos permitiu perceber como destaca Larrosa (2017), que a escola é mais potente em sua forma do que em sua função.

## Considerações

A escola vai se constituindo como um lugar físico, mas também simbólico. Um bucolismo da escola rural vai se desfazendo e ela se refaz como um espaço atravessado por questões mais gerais, tensões, demandas, ações, incertezas. A escola como lugar que também forma professor tem nos remetido a pensar o lugar da escola na História da Educação Matemática brasileira. Queremos mostrar que apesar de algumas coisas já terem sido ditas sobre o tema, outros silêncios e memórias podem ser registrados.

“São as vozes da memória que adquirem pela costura dos fragmentos das lembranças dimensões de tecido social e de identidades coletivas” (Delgado, 2010, p. 48). O Grupo Escolar é história, é o vão e o desvão da educação rural, é um mistério profundo, é um tempo, é artefato, é uma comunidade, delinea uma identidade fugidia, lacônica e de formas não antecipáveis. É potencialidade, é um passado que permite olhar para um futuro, pois são movimentos que abrem novas possibilidades de apresentar e de criar novas identidades de escola(s).

## Referências

- Delgado, L. A. N. (2010). *História Oral* – memória, tempo, identidades (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Garnica, A. V. M. (2014). Cartografias contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. In A. V. M. Garnica (Org.), *Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil* (pp. 39-66). Curitiba: Appris.
- Larrosa, J. (Org.). (2017). *Elogio da escola* (Fernando Coelho, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Martins-Salandim, M. E. (2012). *A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960*. (Tese de Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro-SP, Brasil.
- Schelbauer, A. R. (2014, maio/agosto). Da roça para a escola: institucionalização e expansão das escolas primárias rurais no Paraná (1930-1960). *Revista História Educacional*, 18(43), 71-91.
- Souza, G. S. (2017). *Memórias da primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze: uma narrativa* (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Cornélio Procopio-PR, Brasil.
- Souza, G. S. (2019). *Da fuligem à edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s)*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Londrina – PR, Brasil.